

# **O Protesto de Bocage**

O programa constará de conferência, sonetos de Bocage e projeção de slides e bicos-de-pena de Picasso.

Texto: **JORGE TUFIC**

Direção: Wagner Melo

1970-Manaus-AM



## CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

**1765** - A 15 de setembro, nasce em Setúbal, Portugal, Manuel Maria do Bocage, filho de José Luís Soares de Barbosa e Mariana Joaquina Xavier Lestoff du Bocage.

**1775** - Morte da mãe do poeta.

**1781** - Em setembro, foge de casa e assenta praça como soldado, no Regimento de Infantaria, em Setúbal.

**1783** - Muda-se para Lisboa; engaja-se na Armada Real Portuguesa; participa da vida boêmia da cidade.

**1786** - Chega a Goa, colônia portuguesa, depois de uma viagem de vários meses num navio que passa pelo Brasil, permitindo-lhe um breve contato com a vida brasileira.

**1787** - Como membro do Exército, assiste (horrorizado), em Goa, a uma frustrada rebelião nacionalista, que tenta libertar a colônia do jugo português.

**1789** - Uma portaria o promove a tenente e o transfere para Damão, outra colônia portuguesa. No mesmo ano, removido para sua nova praça, deserta e vai para Macau, onde vive por algum tempo.

**1790** - Em agosto, volta a Portugal.

**1791** - Com a publicação de sua primeira obra - *Rimas* -, é convidado a participar da *Nova Arcádia*, uma academia de belas-arts, onde adota o pseudônimo de Elmano Sadino (Elmano: anagrama de Manoel; Sadino: homenagem ao rio Sado, que banha Setúbal, sua cidade).

**1797** - Em 10 de agosto, acusado de heresia e vida pregressa, é sucessivamente encarcerado em várias prisões portuguesas; uma vez libertado, é transferido para o Convento dos Oratorianos, onde é doutrinado, convertido e levado, aparentemente, a abandonar de vez a irreverência.

**1799** - Publicação da segunda coletânea de suas poesias, também intituladas *Rimas*.

**1804** - Aparecimento da terceira série das *Rimas*, agora dedicadas à marquesa de Alorna, que passa a protegê-lo.

**1805** - Morre a 21 de dezembro; embora trabalhando como tradutor, para viver os últimos dias tem de valer-se de um amigo que vende, nas ruas de Lisboa, suas derradeiras composições: *Os Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade* e, depois, a *Coleção dos Novos Improvisos de Bocage na Sua Moléstia*.

## BIOGRAFIA

**LISBOA**, 22/12/1805 - Vítima de um provável aneurisma, faleceu ontem, aos 40 anos de idade, em sua residência , no terceiro andar do terreiro André Valente, o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage, filho de José Luís Soares de Barbosa e Mariana Joaquina Xavier Lestoff du Bocage. Nos últimos anos, o poeta vivia em companhia de sua irmã, Maria Francisca, e de uma filha desta, sustentando a ambas com traduções de livros didáticos que fazia para a Tipografia Calcográfica e Literária.

Ex-membro da Armada Real Portuguesa, Bocage esteve na Índia, viajando num navio que fez escala no Brasil. O poeta prestou serviço à Coroa também nas colônias ultramarinas de Goa e Damão, dirigindo-se depois, por vontade própria e à revelia de seus superiores, para Macau. De regresso à Portugal, publicou suas primeira poesias com o título de *Rimas*. Face ao sucesso dessa publicação, foi convidado a ingressar na Academia de Belas-Artes - a *Nova Arcádia* -, onde adotou o pseudônimo de Elmano Sadino.

De temperamento forte e violento, em pouco tempo desentendeu-se com vários poetas dessa academia, desligando-se da agremiação. Acusado de heresia e dissolução de costumes, foi implacavelmente perseguido, julgado e condenado, ficando na prisão por algum tempo.

Ao recuperar a liberdade, graças à influência de amigos e com a promessa de converter-se, o poeta, já velho, abandonou totalmente sua antiga vida de boêmia e zelou, até seus últimos momentos, por impor a seus contemporâneos uma imagem nova: a de homem arrependido, digno e exemplar chefe de família.

## I - O PROTESTO DE BOCAGE

Desde bem cedo, por entre versos eróticos, anedotas e fatos envolvendo os tempos históricos da monarquia portuguesa, que temos ouvido e repetido Bocage, ou simplesmente Bocaes para os biliosos garotos da rua Amazonas, margem do Iaco, naquela antiga Sena Madureira de altíssimas árvores de eucalipto. Chegamos, então, ao ponto de antever-lhe mentalmente a célebre figura que ele próprio descreve em seu conhecido autorretrato poético, um soneto tantas vezes deturpado, como tantos outros de sua lavoura pornográfica, sempre e exatamente naquelas chaves onde o poeta se deixa seduzir pelo êxtase do apelo dos instrumentos genitais em plena atividade. Dizemos êxtase, porque sua época foi marcada a fundo pelo misticismo religioso, que logo desperta nas consciências libertárias um sentimento antípoda chamado na prática de anticlericalismo. Bocage sublimou-se na consagração de tal sentimento: foi lírico, dramático, romântico e pornográfico na exata medida que dava a seus dias os altos e baixos que Olavo Bilac nos revela, ao dedicar-lhe uma das curvas mais belas de sua “Via Láctea”.

Assim foi que, anos adiante, ao deitar nossos olhos no retrato do poeta, tivemos de imediato a impressão de que a entidade retratada já era, sem tirar nem por, um velho conhecido nosso. Esse retrato foi reproduzido, em cores, na revista *Panorama de arte e turismo*, editada em Lisboa, Portugal, lá pelos anos sessenta. A reprodução traz o seguinte texto-legenda: *“Retrato de meio-corpo, em miniatura admirável e muito minudente, do poeta Bocage, vestindo sobrecasaca verde-azeitona, pintado com fidelidade do vivo, em Lisboa, provavelmente ao redor de 1797, por Máximo Paulino dos Reis, em madeira de carvalho (altura 220 mm e largura 340 mm), de mogno, marginada exteriormente com pau-santo e interiormente com metal dourado e canelado. Este retrato, que os anos patinaram, é preciosíssimo em todos os seus aspectos e o documento mais valioso que se reporta à iconografia do poeta Bocage. Tendo sido oferecido por D. Luís ao Conde de*

*Peniche, e muitos anos incorporado no arquivo da sua Casa, foi vendido em leilão no Rio de Janeiro em 1962, pertencendo atualmente ao Dr. Jorge Felner da Costa.”*

Ali estava, diante de mim, o herói de tantas aventuras perfeitas, mesmo daquelas em que a imaginação popular utiliza o recurso novelesco (ou fabulário) da esparrela, ou do feitiço voltado contra o feiticeiro. A título de charge, lembremos aqui o Bocage surpreendido pelos verdugos do rei, o Bocage jogador, o adivinho, o subversivo, oposto aos bons costumes, etc. Grande no gênio, de vida sempre irregular e acidentada, ele encarna ao mesmo tempo o artista mais completo depois de Camões. Boêmio incorrigível, nato, agitador de verdades ferinas, irreverente no acicate ao falso pudor clerical e anti-burguês por natureza, o entrave do anonimato imposto à sua poesia erótica, burlesca e satírica tem sido responsável pela pouca divulgação que dele se tem feito nos países de língua portuguesa. Sua única obra completa nesse gênero fora, salvo engano, editada em Paris na segunda metade do século dezenove, precedida de longa e minuciosa introdução. Mas, infelizmente, este livro deve ser raro entre nós. Quem o possui, se ainda o possui, guarda-o a sete chaves. Há vários anos tivemos um exemplar em nosso poder, copiamos o mínimo de suas páginas, esquecendo-nos, todavia, de extrair dele o importante depoimento de seus editores a respeito da vida e obra de Elmano, o glorioso M. M. de Barbosa du Bocage, conforme se assinava.

Aparecem em 1969, e quem sabe posteriormente, as *“Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas”* do poeta, numa duvidosa Coleção *Clássicos do Erotismo*, da Editora Escriba Ltda., em São Paulo, explicando aos furtivos adquirentes da mesma que *“esta edição foi feita com base na publicada em Paris, em 1911”*, inclusive as notas incluídas na parte final do volume. Esta referência, embora cautelosa, nos faz duvidar se a editora baseou-se na melhor edição de Bocage ou simplesmente deturpou-a, levando ao público um texto pessimamente revisado, e, em vez do prefácio elucidativo da primeira edição, trazendo apenas uma série de itens sobre a origem dos poemas

e sonetos divulgados. Enfim, uma edição apressada, mal revista, dando a impressão de algo produzido unicamente para atender à sede de lucro fácil a que estão destinados outros clássicos da mesma coleção; a exemplo de “*Gamiani*”, de Alfred de Musset e “*A vida íntima de Ninon de Lenclos*”, de Autor Anônimo.

Este fato, sempre repetido, ilustra ao vivo as deturpações, paródias, imitações e demais acidentes por que vem passando, através dos tempos, a parte considerada “imoral” da obra de Elmano, cuja marca de origem, no entanto, persiste e se avigora à medida que o lemos e interpretamos. Sua atualidade, com efeito, reside exatamente em ser ele, até hoje, um símbolo puro de rebeldia e protesto contra todas as forças que governam e conduzem os homens por um caminho negativo de sua própria humanidade.

Como lírico, Bocage extravasou sua alma embriagada pela beleza, batida pelo sentimento de transitoriedade das coisas terrenas, posta à margem pela condição plebéia de quem suspira, romanticamente, ao pé de uma janela impossível. Foi, porém, concessivo às fraquezas humanas de sua época, eternizando-se com ela. Como erótico, satírico e burlesco, apelou para o que trazia de mais secreto em seu íntimo conhecimento do quotidiano setecentista, fazendo valer os recursos de sua musa galhofeira no sentido de revelar as mazelas e os vícios de seus contemporâneos.

Ao lado do lírico marchava o crente, o poeta altissonante, o maçom, a parcela desejável da comunidade portuguesa.

Ao lado do satírico, do burlesco, do pornográfico, via-se o “ateu”, o insatisfeito, o gozador emérito a recolher os instantâneos grotescos das excrescências irremediáveis: um nariz adunco, e lá vai ...

## II - DETURPAÇÕES DE BOCAGE

Sobrepara, deste modo, uma espécie de dúvida, cercada também de mistério, quanto ao último e verdadeiro soneto de Bocage, já que, dentre tantos referentes ao nada de sua constante metafísica, dois se nos deparam tão idênticos na forma quanto opostos no conteúdo ideológico. O primeiro, muito mais difundido, para provar que ele não foi ateu, ou pelo menos converteu-se na hora da agonia, atribui-se com freqüência sua autoria a um frade que cultivara o bom gosto de imitar o estilo do poeta. Este soneto aparece publicado com uma observação de que fora ditado nas proximidades da morte ao Sr. Francisco de Paula Cardoso de Almeida, morgado de Assentiz, consoante depoimento de Guerreiro Murta, etc. O segundo, das *Eróticas*, não deixa a menor dúvida de ter sido escrito por Bocage. O primeiro deles é este:

*Já Bocage não sou: à cova escura  
Meu estro vai parar desfeito em vento ...  
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura.*

*Conheço agora já quão vã figura  
Em prosa e verso fez meu louco intento.  
Musa... Tivera algum merecimento  
Se um raio da razão seguisse pura!*

*Eu me arrependo; a língua quase fria  
Brade em alto pregão à mocidade,  
Que atrás do som fantástico corria:*

*Outro Aretino fui... a santidade  
Manchei! ...Oh! Se me creste, gente impia,  
Rasga meus versos, crê na eternidade.*

O segundo é este:

*Lá quando em mim perder a humanidade  
Mais um daqueles, que não fazem falta,  
Verbi-gratia - o teólogo, o peralta,  
Algum duque ou marquês, ou conde, ou frade:*

*Não quero funeral comunidade  
Que engrole sub venites em voz alta;  
Pingados gatarrões, gente de malta,  
Eu também vos dispenso a caridade:*

*Mas quando ferrugenta enxada edosa  
Sepulcro me cavar em ermo outeiro,  
Lavre-me este epitáfio mão piedosa:*

*Aqui dorme Bocage, o putanheiro;  
Passou vida folgada e milagrosa;  
Comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro.*

A dúvida consiste nos seguintes fatos:

- a) A “conversão” do ateu no crente ora ocorre nas “proximidades da morte”, ora na “hora da agonia”, deixando supor que durante sua longa enfermidade;
- b) Havia um interesse quase doentio daqueles que o cercavam e eram por ele satirizados, em obter de Bocage uma prova, mesmo forjada, de que se havia convertido. A prova maior seria naturalmente um soneto escrito ou ditado nos últimos instantes do seu trespasse;
- c) Muitos eram na época os imitadores do estilo de Bocage, no qual, inclusive, o atacavam, satirizavam e o expunham ao ridículo. Como neste epigrama, assinado por D. Caldas Barbosa:

*De todos sempre diz mal  
O ímpio Manoel Maria  
E se de Deus não o disse,  
Foi porque o não conhecia.*

d) O soneto mencionado, que chamamos de segundo, “*foi transladado de um caderno, que continha obras de Bocage*”, o que, de nenhum modo, aconteceu com o primeiro; e

e) O início de “Lá quando...” é típico do vate português (vide o soneto LXIV [ 64] de suas *OBRAS COMPLETAS*. Além de tais falsas atribuições ou meras falsificações, as deturpações também são freqüentes. Uma outra tentativa, entre várias, de inautenticar sua obra acha-se claramente exposta no soneto de número LVII (57), cujo verso final, comparado ao que fora mantido nas *Burlescas*, nada ou pouco encerra do talento de Bocage. O primeiro é este:

*Magro, de olhos azuis, carão moreno,  
Bem servido de pés, meão de altura,  
Triste de facha, o mesmo de figura,  
Nariz alto no meio, e não pequeno:*

*Incapaz de assistir num só terreno,  
Mais propenso ao furor do que à ternura;  
Bebendo em níveas mãos por taça escura  
De zelos infernais letal veneno:*

*Devoto incensador de mil deidades  
(Digo, de moças mil) num só momento  
E somente no altar amando os frades.*

*Eis Bocage, em que luz algum talento;  
Saíram dele mesmo estas verdades  
Num dia em que se achou mais pachorrento.*

(Agora vemos: o terceiro verso do primeiro terceto sofre, por igual, a intervenção dos patifes). Este é o segundo:

*Magro, de olhos azuis, carão moreno,  
Bem servido de pés, meão de altura,  
Triste de facha, o mesmo de figura,  
Nariz alto no meio, e não pequeno:*

*Incapaz de assistir num só terreno,  
Mais propenso ao furor do que à ternura,  
Bebendo em níveas mãos por taça escura  
De zelos infernais letal veneno.*

*Devoto incensador de mil deidades,  
(Digo, de moças mil) num só momento  
Inimigo de hipócritas e frades:*

*Eis Bocage, em que luz algum talento;  
Saíram dele mesmo estas verdades  
Num dia, em que se achou cagando ao vento.*

Nota-se, portanto, que os dois últimos versos dos dois tercetos foram substancialmente adulterados, tudo ao sabor dogmático do preconceito religioso e das imposições de ordem moral. As observações marginadas (pág.261, tomo II, Edições Saraiva), por contraditórias, abonam sobretudo a autenticidade do segundo sobre o primeiro: “*Auto-retrato, escrito nos tempos de desmando, etc*”. Ao mesmo tempo, o fecho do soneto não convence, principalmente se vemos que muito raramente, num soneto de Bocage, o verso final, a clássica “chave de ouro”, apresenta-se inferior aos demais versos participantes dessa categoria. Atine-se, além do que ficou dito, para a flagrante incompletude do segundo verso do segundo terceto do que se acha publicado sob o número LVII (57), que seria, como de fato o é no original das *Obras* do vate, um corretíssimo *enjambement*.

### III - O LÍRICO E O ERÓTICO

Um aspecto característico da dupla personalidade de Elmano Sadino, nome árcade do nosso poeta, vai-se encontrar em *Nize*, *Marília*, *Márcia*, entre outros anagramas de suas amadas, e nomes reproduzidos na forma verdadeira, que tanto aparecem sob a roupagem lírica dos sonetos e poemas recolhidos em suas *Obras Completas*, como na obra considerada fescenina. Vamos exemplificar com *Nize*, personagem bastante familiar do fazer erótico de Bocage:

*Não lamentes, oh Nize, o teu estado;  
Putas tem sido muita gente boa;  
Putíssimas fidalgas tem Lisboa,  
Milhões de vezes putas têm reinado:*

*Dido foi puta, e puta dum soldado;  
Cleópatra por puta alcança a c'roa;  
Tu, Lucrecia, com toda a tua proa,  
O teu cono não passa por honrado;*

*Essa da Rússia imperatriz famosa,  
que inda há pouco morreu (diz a Gazeta)  
Entre mil porras expirou vaidosa:*

*Todas no mundo dão a sua greta;  
Não fiques pois, oh Nize, duvidosa  
Que isso de virgo e honra é tudo pêta.*

A mesma Nize aparece, depois de falecida, neste soneto-epitáfio profundamente evocador de sua inocente beleza anímica, interior, materializada na pureza dos olhos sofridos, que aos poucos a morte lhe fora apagando. Soneto XXXIX (39) das *Obras Completas*:

*Já no calado monumento escuro  
Em cinzas se desfez teu corpo brando  
E pude ver, ó Nize, o doce, o puro  
Lume dos olhos teus ir-se apagando.*

*Hórridas brenhas, solidões procuro,  
Grutas sem luz frenético demandando,  
Onde maldigo o fado acerbo e duro,  
Teu riso, teus afagos suspirando.*

*Darei de minha dor contínua prova,  
Em sombras cevarei minha saudade,  
Insaciável sempre, e sempre nova.*

*Té que torne a gozar da claridade  
Da luz, que me inflamou, que se renova  
No seio da brilhante eternidade.*

Sem fugir à regra, *Marília*, anagrama de Margarida Constâncio Alves, foi por sua vez objeto da melhor inspiração amorosa de Manoel Maria, que lhe dedicou, entre outros, este soneto de número XI (11) das *Obras Completas*:

*Olha Marília, as flautas dos pastores  
Que bem que soam, como estão cadentes!  
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes  
Os Zéfiros brincar por entre flores?*

*Vê como ali beijando-se os Amores  
Incitam nossos ósculos ardentes!  
Ei-las de planta em planta as inocentes,  
As vagas borboletas de mil cores.*

*Naquele arbusto, o rouxinol suspira,  
Ora nas folgas a abelhinha pára,  
Ora nos ares sussurrando gira:*

*Que alegre campo! Que manhã tão clara!  
Mas ah! Tudo o que vês, se eu não te vira,  
Mais tristeza que a morte me causara.*

Entretanto, segundo os comentadores de suas obras completas, o soneto X (10) “acusa apartamento de Marília, a segunda paixão do poeta”. E nós perguntamos: não terá esse fato determinado que Bocage externasse sua revolta, aliada ao vezo pornô, neste outro soneto proibido pela censura? Para exemplificar, vale a pena transcrevê-lo:

*Vem cá, minha Marília, tão roliça,  
C’o as bochechas da cor do meu caralho,  
Que eu quero ver se os beijos embaralho  
C’o esses teus, onde amor a ardência atiça;*

*Que abrimentos de boca! Tens preguiça?  
Hospeda-me entre as pernas este malho,  
Que eu te ponho já tesa como um alho;  
Ora chega-te a mim, leva esta piça...*

*Ora meche... Que tal te sabe, amiga?  
Então foges c’o o sesso? É forte história!  
Ele é bom de levar, não, não é viga.*

*“Eu grito!” (diz a moça merencórea).  
Pois grita, que espetada nesta espiga  
Com porrais salvas cantarei vitória.*

Não admira, perante o fenômeno, a grande, a surda, a mesquinha campanha movida contra Bocage, bem assim a reclusão inquisitorial por que passou no Convento da Saúde, no grosso motivada pelo sistemático policiamento de seus escritos mordazes, dirigidos comumente aos pontos fracos de sua heterogênea freguesia humana. A esse vasto mural citadino pertenciam o teólogo, o marquês, a prostituta, o mestiço, o juiz, a donzela, o frade, o vagabundo, o burguês, o herói de guerra, o tribuno, o bêbado, o agiota, o médico, o farmacêutico, o bedel, o meirinho, o soldado, a alcoviteira, o nobre, o maçõn, o plebeu, os pais carrascos das amadas inacessíveis (como o pai de Marília), o conselheiro, a criada, o sacristão, o morgado, o notário, etc, etc. Seu temperamento inconstante nada poupou no decurso de tão rude caminhada. Em contrapartida, lhe fizeram sentir, na própria carne, as conseqüências de seus atos. Basta lembrar que um de seus mais ferrenhos inimigos foi o padre José Agostinho de Macedo. Denunciado como simpático à maçõnaria, inculcado “herético perigoso e dissoluto”, tantas vezes preso e humilhado, era na poesia que ele buscava forças para resistir aos golpes do destino.

Mas não! *“Fados são as paixões, são as vontades”*, escreve. E vingava-se das críticas aos erros que lhe imputavam sob o rótulo de “ímpiedade” e desobediência aos cânones vigentes, exprimindo-se do modo que lhe convinha. Daí para a fama, bastou um passo. Fernando Mendes de Almeida, prefaciando-lhe as *Obras Completas*, assim detalha este aspecto negativo do mito bocageano: *“A frontalidade com que Bocage, muitas vezes, explorou temas licenciosos, utilizando palavras rudes e indizíveis, cedo o condenou ao desagrado da sociedade lisboeta de seu tempo, a primeira, talvez, a veicular a fama pouco desejável que até hoje prepondera acerca de sua poesia. (...) Efetivamente, ainda agora é assim. Aludir a Bocage é enviar circunstâncias ao desrespeito e à chalaça, ou à narração grosseira. Não admira que, no Brasil, ainda não se lhe tenham atribuído também as “anedotas de papagaio” que, entre as mais picantes, são as que mais nos divertem. Seu nome, por sua vez*

*(pela lembrança que dele traz e pela associação fonética à outra palavra, isto é, “Bobage(m)” entre o povo é sinônimo de impropério ou obscenidade. E tudo por que? Por causa da fama que, de Portugal, trouxeram a propósito do poeta. Por causa do pouco e do insuficiente conhecimento que, na realidade, se tem de sua poesia.”*

#### IV - O “ÍMPIO” E A “GENTE IMPIA”

Foi bem de indústria a escolha destes dois volumes de sonetos editados pela Saraiva, para os cotejos que delineiam as falsificações e adulterações oficiosamente postas a serviço do Índex português. É uma edição preocupada, sobretudo, em “revelar, uma vez mais, poesias que não conferem com o juízo que dele (Bocage) e de sua bagagem literária se tem injustamente propagado entre nós”, como frisa Fernando Mendes de Almeida. Frisa, no entanto, mas deixa manifesto, nas entrelinhas, o desempenho continuado de uma poética que, embora servindo de espelho às sordícies da época, volta-se ainda mais contundente aos motivos sociais que traduzem, no submundo, o trágico pesadelo dos responsáveis pelo poder temporal. E, como era óbvio, sua ira vai de encontro às ordens religiosas, à conivência do altar com as cevadas arcas do reinado. Os tributos, a escravidão, a miséria, a ignorância, o pavor e a esmola comandavam a ilusória liberdade civil e a hipotética salvação divina. Entre dezenas de amostras, escolhemos este soneto XXVI (26), exemplar dessa faceta de Bocage:

*Se quereis, bom Monarca, ter soldados  
Para compor lustrosos regimentos,  
Mandai desentulhar esses conventos  
Em favor da preguiça edificadas:*

*Nos Bernardos lambões, asselvajados  
Achareis mil guerreiros corpulentos;  
Nos Vicentes, nos Neris, e nos Bentos  
Outros tantos, não menos esforçados:*

*Tudo extingui, senhor: fiquem somente  
Os Franciscanos, Loios, e Torneiros,  
Do Centimano aspérrima semente:*

*Existem estes lobos carniceiros,  
Para não arruinar inteiramente  
Putas, pívias, cações e alcoviteiros.*

Evidentemente, essa atitude atraiu contra Bocage a pecha de ímpio. Ímpio, definem os dicionaristas da língua, significa o que, ou quem não tem fé; incrédulo, herege. Na verdade, o poeta era um incrédulo convicto, sem um mínimo de fé... naquele Deus ambíguo, carrancudo, parcial, degenerado, pulha, bacante, traiçoeiro, hipócrita, caviloso, medíocre, que habita a turva clarabóia de seus ilustres correspondentes na terra. Múltiplas vezes assacado de ímpio, apesar de tudo Elmano jamais deixara de elevar as suas queixas para Um Deus - vejam bem: Um Deus (soneto XLIX [49], Saraiva), em cujo poder sempre depositara o melhor de sua torturada esperança de homem posto à margem da vida.

Este Deus único, para todos, lâmpada inesgotável dos humildes, dos caídos em desgraça, aparece, inclusive, em vários trechos de seus poemas fesceninos. Em resposta ao epíteto herético, ele chamava a todos de “*gente impia*”, isto é, sem piedade, desumana, cruel. E traça o retrato de Deus “*desfigurado por ministros embusteiros*” (soneto CCIV [254], Livraria Bertrand, Lisboa):

*Um ente dos mais entes soberano,  
Que abrange a terra, os céus, a eternidade;  
Que difunde anual fertilidade,  
E aplanas as altas serras do oceano:*

*Um númen só terrível ao tirano,  
Não é triste mortal fragilidade;  
Eis o Deus, que consola a humanidade,  
Eis o Deus da razão, o Deus d'Elmano;*

*Um déspota de enorme fortaleza,  
Pronto sempre o rigor para a ternura,  
Raio sempre na mão para a fraqueza:*

*Um criador funesto à criatura;  
Eis o Deus que horroriza a natureza,  
O Deus do fanatismo, ou da impostura.*

É larga, por outro lado, a produção satírica de Bocage. Tão grande e vária, que bem nos dá uma visão do tempo em que ele vivera, suas incompatibilidades no seio da Nova Arcádia, na Maçonaria, os anseios de liberdade “*excitados pela Revolução Francesa*”, o despotismo, a intriga e as perseguições políticas e religiosas. Às voltas com tanta adversidade, mudando-se e viajando com a frequência exigida pelas circunstâncias, com tempo bastante exíguo para o cultivo metódico das letras, sua linguagem foi simples e comunicativa, algumas vezes influenciada pela escola francesa ou arcádica. Suas rimas, citando ainda Fernando Mendes de Almeida, “*ele não as tem ricas, nem sutis, que isto foi privilégio dos parnasianos, ou dos trovadores, de que está distante cronologicamente.*”

## V - A ATUALIDADE DE BOCAGE

Em grande parte contrária aos requisitos formais dos árcades, e talvez por isso mesmo, a atualidade de Manoel Maria de Barbosa du Bocage é, sob muitos ângulos, impressionante, quando distam apenas três meses para completar nada menos de dois séculos e quatro anos de seu nascimento\*. Lembremos, de passagem, a I e II Feira Mundial de Pornografia, realizadas em Odense, na Dinamarca, a liberdade de ação e expressão no teatro contemporâneo, as inúmeras formas de violência física, psicológica, política, econômica, e a violência em larga escala, conflitos armados de qualquer natureza, etc... Salvo a explosão de certos complexos e preconceitos, e do aperfeiçoamento da ciência nuclear destinada prioritariamente à guerra genocida, nada parece ter mudado na estrutura básica do homem e da sociedade, comparados com aquela segunda parte do século XVIII, dividido entre a espada e a caneta de plumas.

Herdeiro de tantos acúmulos, o poeta dos nossos dias se vê também mergulhado nessa mesma atmosfera que terminou por fundir numa só a glória *post-mortem* de Camões e a vida do mais ilustre filho de Setúbal. É numa bela página de prosa de Júlio Dantas que iremos colher o que de melhor já se disse até agora acerca do ambiente hostil em que vivera e frutificara o poeta: *‘Há quem duvide ainda da grandeza moral do primeiro dos nossos poetas setecentistas. Há quem não lhe perdoe vícios e defeitos, isolando-o da sociedade a que pertenceu para o encarar sob o falso critério da moral de hoje. Ora, os grandes homens são produtos do seu meio e da sua época. É necessário conhecer-se a sociedade do fim do século XVIII para avaliar Bocage em toda a sua estatura moral. É indispensável compreender-se a que supremo abandalhamento, a que situação de subserviência e de*

\* Texto originalmente escrito em 1970.

*miséria tinha chegado o homem de letras sob a intendência de Manique, para que a rebelião e o protesto desse falido glorioso surjam em toda a sua significação e em todo o seu valor. No momento histórico em que, desgraçadamente viveu, a bravura de orgulho, a selvageria de independência de Bocage são a afirmação irrecusável dum grande e sólido caráter. Evidentemente, ser-lhe-ia fácil ter triunfado na vida, tanto quanto entre nós, em 1790, podia triunfar um poeta. Como todos os outros bobos e mendigos seus confrades, podia encostar-se aos Mecenas que o reclamavam, coçar a casaca em espaldares de damasco, trazer o estômago quente e a algibeira cheia. Bastava transigir, amoldar-se, adaptar-se. Em vez de andar embrulhado no seu velho capote de baetão azul, a arrastar pelas tabernas a sua independência e os seus sapatos rotos, a sua miséria de alcoólico e o seu orgulho de príncipe, podia ter explorado o meio em que vivia, ter sido como os outros, devoto e bandalho, parasita e adulator, bobo e alcoviteiro. Mas não. Entre Bocage e a sociedade que o rodeava estabeleceu-se desde logo uma essencial e profunda irredutibilidade. Deu sempre um pontapé na fortuna, quando era preciso comprá-la ao preço de uma transigência. Era, por temperamento, por caráter, por instinto, uma criatura livre, azeda, combativa e revoltada. Levado ao Paço, de coche, suntuosamente, para improvisar por ocasião do nascimento da Infanta Maria Tereza, podendo conseguir proteção do príncipe, a simpatia da corte, infiltrar-se, meter-se, insinuar-se, triunfar, Bocage afasta-se do Paço. Apresentado a Beckford, quando o riquíssimo inglês, com Verdeuil e o conde de Lucatelli, vinha de visitar a Sé de Lisboa, podendo valer-se da sua amizade evidente, aproveitar o entusiasmo de sua admiração, colocar-se, impor-se, Bocage afasta-se de Beckford. Devendo utilizar a estima da Condessa de Oyenhausen, sua admiradora até a ternura, protetora desvelada de sua irmã Maria Francisca, lisonjeá-la, frequentá-la, agradar-lhe, Bocage afasta-se da condessa de Oyenhausen.”*

O trecho citado foi longo, mas achamos que valeu a pena. O interesse por Bocage, todavia, tem sido constante, sendo isto

uma outra prova de sua fortíssima atualidade. Ainda recentemente, foi encenada durante oito meses, em Lisboa, a peça: *Bocage, Alma Sem Mundo*, de Luzia Maria Martins. A peça - diz o noticiário - descreve uma situação íntima (mais do que uma situação objetiva): a solidão do poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage, meio a uma sociedade onde não encontra lugar para ele (ou para seu sonho?). No mesmo jornal, a autora explica que seu personagem era *“um príncipe sem título, palhaço sem indumentária de palhaço, poeta num mundo indiferente aos seus cantos...”* Imaginemos o poeta, nesse baixo astral, agitado em busca de remédios para suas doenças venéreas, e já, pela primeira vez, desprezando as putas e lamentando-se por não ter senhoras em seu leito insaciável, em vez daquelas. Ouçamo-lo, de viva voz:

*Eu foder putas? Nunca mais, caralho!  
Hás de jurar-mo aqui, sobre estas Horas:\*  
E vamos, vamos já! ... Porém tu choras?  
“Não senhor (me diz ele) eu não, não ralho.”*

*Batendo sobre as Horas como um malho,  
“Juro (diz ele) só foder senhoras,  
Das que abrem por amor as tentadoras  
Pernas àquilo, que arde mais que o alho”.*

*Co’a força do jurar esfolheando  
O sacro livro foi, e a ardente sede  
O fez em mar de ranho ir soluçando...*

*Ah! Que fizeste? O céu teus passos mede!  
Anda, herético filho miserando,  
Levanta o dedo a Deus, perdão lhe pede!*

Nada mais oportuno do que inserir, nestes finais de prosa, o depoimento sobre Natália Correia: *“É preciso uma anistia,*

*\* Missal (livro de orações).*

*senhores! Para as palavras banidas dos dicionários; uma absolvição para os verbetes prescritos; um indulto para o vocábulo escorraçado. Se eu não tiver a coragem dessa opinião estarei desdizendo o que afirmei atrás sobre o que chamei de palavras mágicas - isto é, as que são belas e sugerem pela sua consonância forma independente do sentido. Nessa acepção há muito palavrão que é belo, ondula e se projeta, liberado de sua significação verdadeiramente intrínseca. Quem está certo? É moral? Bocage ou o cafardento que quis limpar o seu verso? Compare-se a liberdade e o vôo do primeiro e o arrastado pegajoso do segundo. Bocage:*

*Eis Bocage, em que luz algum talento:  
Saíram d'elle mesmo estas verdades  
N'um dia em que se achou cagando ao vento.*

Censor:

*Eis Bocage, em que luz algum talento:  
Saíram d'elle mesmo estas verdades  
N'um dia em que se achou mais pachorrento.*

Em qual dos tercetos? Onde está a merda? No primeiro? Que a desfraldou no meteoro ou no segundo? Do porcalhão que a engoliu. Todo poder ao palavrão! Já que se pode ser alto poeta com qualquer cheiro. O de Bocage (que aliás andou preso). O de Villon (que aliás andou para ser enforcado) e todos os de nossa língua que reuniu a grande Natália Correia (que aliás foi demitida do emprego) - do século XIII com Martim Soares até o XX com Dórdio Leal Guimarães, passando por Gil Vicente pornográfico, por Luís Vaz de Camões pornográfico, por Frei Antonio das Chagas pornográfico, por Filinto Elísio pornográfico, por Almeida Garret e João de Deus pornográficos, e finalmente por Guerra Junqueiro, Cesário Verde, Fernando Pessoa, Antonio Botto e ela mesma Natália Correia \*. Então?

\* Natália Correia. "Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica", Rio de Janeiro, Tip. Vale Formoso, F.A. (s/d).

“*Porque seremos mais castos que o nosso avô português?*” (Oscar Araripe).

Mas vemos que Bocage entra em cena e pede a palavra. Com a palavra, portanto, o ilustre vate Manoel Maria Barbosa du Bocage, o Elmano, anagrama de Manoel e Sadino, homenagem ao rio Sado, que banha Setúbal, sua terra natal\*:

### III

Êsse disforme, e rívido porraz  
Do semblante me faz perder a côr:  
E assombrado d’espanto, e de terror  
Dar mais de cinco passos para trás:

A espada do membrudo Ferrabrás  
De certo não metia mais horror:  
Êsse membro é capaz até de por  
A amotinada Europa tôda em paz.

Creio que nas fodais recreações  
Não te hão de a rija máquina sofrer  
Os mais corridos, sórdidos cações:

De Vênus não desfrutas o prazer:  
Que êsse monstro, que alojás nos calções,  
Ê porra de mostrar, não de foder.

\* - Atente-se para o coloquialismo dialógico de Bocage. Os sonetos aqui declamados pelo personagem que o imita são essencialmente eróticos, e não se distinguem entre aqueles que levam D e aqueles que levam A, ou seja, os *duvidosos* e *autênticos*. Isto fica por conta do senso crítico de cada um.

## V

No canto de um venal salão de dança,  
Ao som de uma rebeca desgrudada,  
Olhos em alvo, a porra arrebitada,  
Bocage, o folgazão, rostia o França:

Êste, com mogingangas de criança,  
Com a mão pelos ovos encrespada,  
Brandia sôbre a roxa fronte alçada  
Do assanhado porraz, que quer lambança:

Veterana se faz a mão bisonha;  
Tanto a tempo meneia, e sua o bicho,  
Que em Bocage o tesão vence a vergonha:

Quis vir-me por luxúria, ou por capricho;  
Mas em vez de acudir-me alva langonha  
Rebenta-lhe do cú merdoso esguicho.

## IX

Arreitada donzela em fôfo leito,  
Deixando erguer a virginal camisa,  
Sôbre as roliças coxas se divisa  
Entre sombras sutis pachacho estreito:

De louro pêlo um círculo imperfeito  
Os papudos beicinhos lhe matiza;  
E a branca crica, nacarada e lisa,  
Em pingos verte alvo licor desfeito:

A voraz porra as guelas encrespando  
Arruma a focinheira, e entre gemidos  
A môça treme, os olhos requebrados:

Como é inda boçal, perde os sentidos:  
Porém vai com tal ânsia trabalhando,  
Que os homens é que vêm a ser fodidos.

### XIII

É pau, e rei dos paus, não marmeleiro;  
Bem que duas gamboas lhe lombrigo;  
Dá leite, sem ser árvore de figo;  
Da glande o fruto tem, sem ser sobreiro:

Verga, e não quebra, como zambujeiro;  
Ôco, qual sabugueiro tem o umbigo;  
Brando às vêzes, qual vime está consigo;  
Outras vêzes mais rijo que um pinheiro:

À roda da raiz produz carqueja:  
Todo o resto do tronco é calvo e nu;  
Nem cedro, nem pau-santo mais negreja!

Para carvalho ser falta-lhe um U;  
Adivinhem agora que pau seja,  
E quem adivinhar meta-o no cu.

### XVI

Porri-potente herói, que uma cadeira  
Sustêns na ponta do caralho têsso,  
Pondo-lhe em riba mais por contrapêso  
A capa de baetão da alcoviteira:

Teu casso é como o ramo da palmeira,  
Que mais se eleva, quando tem mais pêso;  
Se o não conservas açaimado e preso,  
É capaz de foder Lisboa inteira!

Que fôrças tens no horrído marsapo,  
Que assentando a disforme cachamorra  
Deixa conos e cus feitos num trapo!

Quem ao ver-te o tesão há não discorra  
Que tu não podes ser senão Priapo,  
Ou que tens um guindaste em vez de porra?

## XVII

Dizem que o rei cruel do Averno imundo  
Tem entre as pernas caralhoz lancêta,  
Para meter do cu na aberta grêta  
A quem não foder bem cá neste mundo:

Tremei, humanos, deste mal profundo,  
Deixai essas lições, sabida pêta,  
Foda-se a salvo, coma-se a punhêta:  
Êste prazer da vida mais jucundo.

Se pois guardar devemos castidade,  
Para que nos deu Deus porras leiteiras,  
Senão para foder com liberdade?

Fodam-se, pois, casadas e solteiras,  
E seja isto já; que é curta a idade,  
E as horas do prazer voam ligeiras.

## XXVII

Veio Muley - Achmet marroquino  
Com duros trigos entulhar Lisboa;  
Pagava bem, não houve moça bôa  
Que não provasse o casco adamantino:

Passou a um seminário feminino,  
Dos que mais bem providos se apregôa,  
Onde a um frade bem fornida ilhôa  
Dava d'esmola cada dia um pino:

Tinha o mouro fodido largamente,  
E já basofiando com desdouro  
Tratava a nação lusa d'impotente:

Entra o frade, e ao ouvi-lo, como um touro  
Passou tudo a caralho novamente,  
E o triunfo acabou no cu do mouro.

## XXIX

Cagando estava a dama mais formosa;  
E nunca se viu cu de tanta alvura;  
Porém o ver cagar a formosura  
Metete nojo à vontade mais gulosa!

Ela a massa expulsou fedentina  
Com algum custo, porque estava dura;  
Uma carta d'amores de alimpadura  
Serviu àquela parte mal cheirosa:

Ora mandem à moça mais bonita  
Um escrito d'amor que lisonjeiro  
Afetos move, corações incita:

Para o ir ver servir de reposteiro  
À porta, onde o fedor, e a trampa habita,  
Do sombrio palácio do alcatreiro!

## XXXI

Dizendo que a costura não dá nada,  
Que não sabe servir quem foi senhora,  
A impulsos da paixão fornicadora  
Sobe d'alcoviteira a moça a escada.

Seus desejos lhe pinta a malfadada,  
E a tabaquanta velha sedutora  
Diz-lhe: "Veio menina, em bela hora,  
Que essas que aí tenho, já não ganham nada".

Matricula-se aqui a tal pateta,  
Em punhetas e fodas se industria,  
Enquanto a mestra lhe não rifa a grêta:

Chega, por fim, o fornicário dia;  
E em pouco a menina de muleta  
Passeia do hospital na enfermaria.

XXXII

Piolhos cria o cabelo mais dourado;  
Branca remela o olho mais vistoso;  
Pelo nariz do rosto mais formoso  
O monco se divisa pendurado:

Pela bôca do rosto mais corado  
Hálito sai, às vêzes bem ascoroso;  
A mais nevada mão sempre é forçoso;  
Que de sua dona o cu tenha tocado:

Ao pé dêle a melhor natura mora,  
Que deitando no mês podre gordura,  
Fétido mijo lança a qualquer hora:

Caga o cu mais alvo merda pura:  
Pois se é isto o que tanto se namora,  
Em ti, mijo, em ti cago, oh formosura!

XXXV

Se tu visses, Josino, a minha amada  
Havias de louvar o meu bom gosto;  
Pois seu nevado, rubicundo rosto  
Às mais formosas não inveja nada:

Na sua bôca Vênus faz morada:  
Nos olhos tem Cupido as setas pôsto;  
Nas mamas Faz lascívia o seu encosto,  
Nela, enfim, tudo encanta, tudo agrada:

Se a Ásia visse coisa tão bonita  
Talvez lhe levantasse algum pagode  
A gente, que na foda se exercita!

Beleza mais completa haver não pode:  
Pois mesmo o cono seu, quando palpita,  
Parece estar dizendo: "Fode, fode!"

XL

Pela rua da Rosa eu caminhava  
Eram sete da noite, e a porra têsã;  
Eis puta, que indicava assaz pobreza,  
Co'um lencinho à janela me acenava:

Quais conselhos? A porra fumegava;  
“Hei de seguir a lei da natureza!”  
Assim dizia e efetuou-se a emprêsa;  
Prepúcio para traz a porta entrava:

Sem que saúde a moça prazenteira  
Se arrima com furor não visto à crica,  
E a bela a mole-mole o cú peneira:

Ninguém me gabe o rebolar d'Anica;  
Esta puta em foder excede à Freira,  
Excede o pensamento, assombra a pica!

XLIV

Eram oito do dia; eis a criada  
Me corre ao quarto, e diz “Aí vem menina  
Em busca sua; faces de bonina,  
Olhos, que quem os viu não quer mais nada”.

Eis me visto, eis me lavo, e esta engraçada  
Fui vêr incontinenti; oh céus! Que mina!  
Que breve pé! Que perna tão divina!  
Que maminhas! Que rosto! Oh, que é tão dada!

A porra nos calções me dava urros;  
Eis a levo ao meu leito, e ela rubente  
Não podia sofrer da porra os murros;

“Ai!... Ai!... (de quando em quando assim se sente)  
Uma porra tamanha é dada aos burros,  
Não é porra capaz de foder gente”.

## XLV

Pela escadinha de um courão subindo  
Parei na sala onde não entra o pejo;  
Chinelo aqui e ali suado vejo,  
E o fato de cordel pendente, rindo;

Quando em miséria tanta refletindo  
Estava, me apareceu ninfa do Tejo,  
Roendo um fatacaz de pão com queijo,  
E para mim num ai vem rebolindo:

Dá-me um grito a razão: - “Eia, fuja  
Minha porra infeliza, já dêste inferno...  
Mas tu respingas? Tenho dito, vamos...”

Eis a porra assim diz: - “Com ódio eterno  
Eu, e os sócios colhões em ti mijamos;  
Para baixo do umbigo eu só governo”.

## XLVI

Eram seis da manhã; eu acordava  
Ao som de mão, que à porta me batia;  
“Ora vejamos quem será”... dizia,  
E assentado na cama me zangava.

Brando rugir da seda se escutava,  
E sapato a ranger também se ouvia...  
Salto fora da cama... Oh! Que alegria  
Não tive, olhando Armia, que arreitava!

Temendo venha alguém, a porta fecho:  
Co'um chupão lhe saudei a rósea boca,  
E na rompente mama alegre mecho:

O caralho estouvado o cono aboca;  
Bate a gostosa grêta o rubro queixo,  
E a matinas de amor a porra toca.

XLVII

“Mas se o pai acordar!... (Márcia dizia  
A mim, que à meia-noite a trombicava)  
“Hoje não...(continua, mas deixava  
Levantar o saiote, e não queria!)

Sempre em pé a dizer: “Então, avia...  
Sêssô à parede, a porra me agüentava:  
Uma coisa notei, que me arreitava,  
Era o calçado pé, que então rangia:

Vim-me, e assentado num degráu da escada,  
Dando alimpa ao caralho, e mais à greta  
Nos preparávamos para mais porrada:

Por variar, nas mãos meti-lhe à teta;  
Tosse o pai, foge a filha... Oh vida errada!  
Lá me ficou em meio uma punheta!

XLIX

Levanta Alzira os olhos pudibunda  
Para ver onde a mão lhe conduzia;  
Vendo que nela a porra lhe metia  
Fêz-se mais do que o nacar rubicunda:

Toco o pentelho seu, toco a rotunda  
Lisa bimba, onde Amor seu trono erguia;  
Entretanto em desejos ela ardia,  
Brando licor o pássaro lhe inunda:

C’o dedo a grêta sua lhe coçava;  
Ela, maquinalmente a mão movendo,  
Docemente o caralho me embalava;

“Mais depressa” - lhe digo então morrendo.  
Enquanto ela sinais do mesmo dava;  
mística pívica assim fomos comendo.

LII

Que eu não possa ajuntar como o Quintela  
É coisa que me aflige o pensamento;  
Desinquieta a porra quer sustento,  
E a pívia trata já de bagatela:

Se n'outro tempo houve alguma bela  
Que o amor só desse o cono penugento,  
Isso foi, já não é; que o mais sebento  
Cagaçal quer durázia caravela:

Perdem saúde, bolsa, e economia;  
Nunca mais me verão meu membro rôto;  
Está aí minha porral filosofia.

Putas, adeus! Não sou vosso devoto;  
Co'um sêso enganarei a fantasia,  
Numa escada enrabando um bom garôto.

## PEQUENO GLOSSÁRIO

Boçal - Inexperiente, novato(a).

Cações - Peixes, “homens conquistadores”, etc.

Cono - Vagina. Em português contemporâneo, *cona*.

Crica - Vagina.

Fescenina, fescenino - Obscena(o) , licencioso (a).

Greta - Vagina.

Lambões - Gulosos.

Pívia - Masturbação, masturbadoras, ou ainda, lésbicas.

Porra, porraz - Pênis, membrum virile, em Bocage, ele aparece com diversos outros nomes: membro, marmeleiro, pau, porri-potente, caralho, etc.

Sesso, sêssô - Ânus.

U de carvalho - Na ortografia antiga, carvalho era escrito com U ( o *U* substituindo o *V*. Exemplo: carualho ). As letras, nessa época eram formadas de ângulos, linhas retas, sem curvas.

## BIBLIOGRAFIA SELETIVA

- 1 - “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas”, de Bocage, Edição Gallimard, Paris, 1871.
- 2 - “Sonetos de Bocage”, Tomos I e II, Edições Saraiva.
- 3 - “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas”, de Bocage, Edição de 1911.
- 4 - “Bocage”, Livraria Bertrand, Lisboa.
- 5 - “Outros Tempos”, de Júlio Dantas.
- 6 - “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas”, de Bocage, Editora Escriba, SP.
- 7 - “Diário Popular”, 11.01.1968, Lisboa - Portugal.
- 8 - “Teatro Português de Bocage a Brecht”, artigo de Oscar Araripe, “Correio da Manhã”, Rio de Janeiro, 13.06.1970.